

Mídia e individuação semioestética

Guilherme Nery Atem

RESUMO

Este artigo tem como objetivo mapear, por uma revisão da literatura da área, os fundamentos filosóficos e semióticos da produção de subjetividades contemporânea, por meio das mídias. Para isso, são retomadas e articuladas a filosofia do empirismo (Hume) e a teoria semiótica (Peirce), a partir de uma interpretação ontológica (Deleuze) da subjetividade contemporânea. Se a cultura em geral já produz subjetividades, as mídias em particular especificam e intensificam algumas dessas formas de subjetivação. Os processos midiáticos de semiose pressupõem um “modo” de constituição dos sujeitos – mais pela forma do que pelo conteúdo –, e isso traz desdobramentos tanto ontológicos quanto políticos. Concluímos que aquilo que denominamos “Semiocapitalismo” (ou “Capitalismo Semiótico”) se tornou a instância fundamental dos atuais “modos de subjetivação” – o que pressupõe novas relações semioestéticas de individuação, bem como novas potências e impotências de existir.

PALAVRAS-CHAVE: Mídias. Individuação semioestética. Subjetividades.

1 Introdução

Hoje em dia, já são muito comumente encontradas pesquisas, em nível de pós-graduação em diferentes áreas do conhecimento, sobre a “produção de subjetividades”. Este é um tema tipicamente contemporâneo. Sabe-se que a nossa subjetividade não “nasce pronta”, e sim que ela é formada, constituída ao longo de toda a vida de um sujeito. Justamente por isso é que esse tema de investigação é interdisciplinar. É preciso concatenar, em um discurso cientificamente relevante, toda uma multiplicidade de saberes. É só assim que se demonstra ser a “produção de subjetividade” submetida à História. Cada época e lugar produziram suas formas de subjetivação próprias.

Entretanto, se muito se discute sobre as conseqüências da “produção de subjetividade” contemporânea, pouco se tem visto discussões realmente de fundo, fundamentais, no que se refere às causas ou origens desses processos de subjetivação¹. É justamente aí que procura se estabelecer este artigo: defendemos aqui que essas causas, ou origens, são radicalmente semióticas e estéticas. A constituição de uma subjetividade é, portanto, tributária de um processo de individuação semioestética, o qual obriga o sujeito a oscilar, em modulação infinita, entre o que lhe vem de fora e o que lhe é próprio.

No ato mesmo de contrair semioesteticamente as informações do mundo, o sujeito é afetado (mesmo que disso não se dê conta conscientemente), é modificado, movendo-se de si². Se essas informações do mundo lhe trazem modelos ou regras de organização de si, trazem também a possibilidade de esse sujeito derivar, fazer diferente. Esse sujeito, imerso semioesteticamente no mundo, terá sofrido uma “transformação incorporal”, imaterial, simplesmente por ter ele uma “potência de ser afetado”.

Se o mundo mesmo já é uma “máquina de subjetivação”, as mídias são uma forma tecnologicamente organizada (em direção a objetivos instrumentais, tanto político-ideológicos quanto econômicos) de se formar subjetividades. Não nos esqueçamos: Michel Foucault mostrou que não há regimes de subjetivação independentes de modos de sujeição (FOUCAULT, 1993).

Neste texto, buscaremos demonstrar, então, como se dão as “novas transformações incorporais”³, **através da modulação midiática de signos**. A cada Acontecimento por que passa um corpo, é todo o sentido a ele atribuído que se transforma (**imaterialmente**). Dessa forma, a partir daí, quando da atribuição de um novo sentido a um corpo ou Acontecimento quaisquer, é o modo como vemos este corpo ou Acontecimento que se transforma – então, o classificamos diferentemente, dizendo que “ele é tal coisa”.

¹ Aqui é preciso lembrar de Spinoza (séc. XVII), para quem conhecer é conhecer pelas causas (DELEUZE, 1997).

² É ainda Spinoza quem faz uma “ética dos afetos”, ou seja, dos “modos” que constituem um sujeito.

³ Os antigos filósofos estoicos criaram o conceito de “exprimíveis incorporais” para poder pensar as “transformações incorporais” por que passam os corpos – e, com isso, eles se tornaram a primeira escola de estudo sistemático da linguagem. Atualizando essa teoria, teríamos algo assim: num minuto temos um avião cheio de passageiros e no minuto seguinte temos um catifeiro que voa; num instante temos um réu e no instante seguinte temos um condenado. Ou seja, algo Aconteceu de um minuto para o outro: o seqüestro do avião; o veredito. No pensamento estoico, o sentido tem sua face voltada para o imaterial/incorporal, enquanto o Acontecimento tem sua face voltada para o material/corporal. Quando dizemos que “algo aconteceu” é porque houve uma diferenciação na trama dos corpos, e que é inseparável de um novo sentido que ali eclode. Os estoicos ensinaram que só há sentido na diferenciação, ou seja, quando (e porque) algo Acontece. Portanto, o sentido é inseparável do Acontecimento (BRÉHIER, 1989; DELEUZE, 1997).

A semiose – produção e atribuição de sentido, através do funcionamento de um signo – se torna tão “invisível” quanto mais for comum, cotidiana. Toda e qualquer cultura realiza, cotidianamente, as suas transformações incorporais: eis o sentido profundo do tema das “mediações”. As mídias, por sua vez, efetuam transformações incorporais em uma série violentamente rápida, e por nós incontrolável.

A imaterialidade comunicacional dos signos se presta, fácil e velozmente, à constituição afetiva dos sujeitos, tendo efeitos imensuráveis e inéditos na produção do imaginário cultural da contemporaneidade. Esse processo de constituição permanente da subjetividade pode ser doloroso e entristecedor, como por exemplo: as novas formas de dominação política produzem em nós novas capacidades ou fronteiras de tolerância.

No entanto, esse processo pode ser desejante e alegre: os novos espaços de liberdade que se delineiam, pelo combate criativo e pela criatividade combatente. É preciso que façamos, portanto, uma análise crítica dessa “Economia Política do Imaterial”, buscando demonstrar como ela se presta à produção de subjetividades através da *modulação* dos afetos por meio de uma cultura midiática das semioses.

2 Fundamentos da individuação semioestética

Parece ser consenso, no Ocidente, a idéia de que o pensamento seria, todo ele, estruturado pela linguagem verbal. Contudo, para alguns pensadores dos séculos XIX e XX, o pensamento não se limitaria a uma linguagem verbal. Para eles, o pensamento é feito de linguagem verbal (com palavras) e linguagem não-verbal (com imagens, sons, sensações, impressões, intuições etc.). Na verdade, o que podemos entender disso é que existem modos de se transmitir vontades, desejos, idéias que escapam à linguagem das palavras, e que, portanto, não poderiam ser reduzidos à análise lógico-lingüística. A esses modos não necessariamente verbais daremos o nome de “signos”. E a sua forma de nos tocarmos chamaremos de “afetos” (ou afecções).

Vivemos hoje uma realidade toda baseada na produção e reprodução de afetos e de signos, os quais veiculam valores, muitas vezes implícitos, que constituem radicalmente nosso modo de subjetivação. A contemporaneidade, ou pós-modernidade, se mostra o momento e lugar mais propício para o controle semiótico dos afetos. As mídias terão um papel primordial nisso, pois que potencializam infinitamente essa tentativa de controle.

Quando recebemos informações do mundo à nossa volta, em geral, e da mídia, em particular, não dominamos ou conscienciamos as suas potenciais conseqüências sobre nós. Nossa subjetividade é construída ao longo da nossa vida – pois, como dizia

Michel Foucault, poder e verdade se agenciam para a produção das subjetividades (FOUCAULT, 1993). Por isso consideramos este estudo algo da maior relevância, posto que é urgente pararmos para pensar sobre quais podem ser os atuais efeitos dos signos midiáticos na nossa constituição enquanto sujeitos.

Eis que surge, então, a questão da produção, reprodução e circulação dos signos, via Comunicação Social. Será preciso definir em que “registro de signos” nos apoiaremos. As diferenças entre os estudiosos da Teoria dos Signos chegam a distâncias e divergências intransponíveis, intradutíveis entre si. Nós nos conduziremos pela via da análise de Charles Sanders Peirce, o “pai da Semiótica”.

Para quem já perambulou pelo labirinto da Semiótica, fica claro que uma hora chega o momento de se reconhecer a filiação desta à Teoria Empirista do Conhecimento. É por ela que começamos, para, em seguida, decalcá-la sobre os processos e as funções semióticos. A organização do conhecimento elaborada por David Hume (1711-1776) se presta, praticamente inalterada, à Semiótica de Peirce. Agora, então, cabe-nos determinar essa relação.

O ponto de partida de Hume é a classificação de tudo aquilo que se dá a conhecer, como sendo de dois tipos: **impressões** e **idéias**. As **impressões**, que são os dados fornecidos pelos sentidos (iconismo), podem ser **internas** (como a “percepção” ou consciência de um estado de tristeza), ou **externas** (como a visão de uma paisagem ou a audição de um som qualquer). As **idéias** são representações da memória e da imaginação, e resultam das **impressões** como suas cópias modificadas.

Nenhuma **idéia**, por mais viva que seja, é tão viva quanto a **impressão** mais pobre. Por exemplo: quando vivemos presentemente uma experiência qualquer, esta se imprime fortemente em nossa mente. Quando, tempos depois, tentamos lembrar, “reviver” aquela sensação passada, pelo recurso à **idéia**, a representação na memória se mostra infinitamente mais fraca, menos viva ou vívida do que se mostrou no momento da experiência original. A melhor memória de um beijo, no momento em que este é lembrado, jamais se compara ao próprio beijo, no momento em que é “executado”. Portanto, o que fica desde já claro é a superioridade (pela antecedência original), segundo Hume, das **impressões** sobre as **idéias**.

Entre a presença das impressões e a defasagem das idéias, haveria algumas formas de a mente organizar os conhecimentos que estão se dobrando do mundo externo para o mundo interno. Hume fala de três formas básicas de organização deste conhecimento: a **causalidade**, a **semelhança** e a **contigüidade**⁴. Estas três formas são procedimentos de **fazer com que o passado se instale no futuro** (como na frase: “O sol nascerá amanhã”) – donde sai

Essas formas básicas de organização do conhecimento serão, mais tarde e sem alterações profundas, aplicadas por Charles Sanders Peirce, em sua classificação dos Signos (PEIRCE, 2000).

toda a sua tese sobre a **probabilidade como crença**.

Para empiristas como Hume, o conhecimento se origina no exterior, no mundo em torno do indivíduo. Pela **Percepção**, o indivíduo contrai signos externos a si, fazendo com que estes se dobrem para dentro de si (**flexão**). Pela **Afecção** (ver Espinosa), o indivíduo sente “na carne de suas entranhas” o signo apreendido, dando a este uma significação ou sentido, deixando-se então afetar pelo mundo. Pela **Ação**, o indivíduo devolve a “informação” recebida-percebida, sob a forma ativa, fazendo-a desdobrar-se (**reflexão**) no exterior. O corpo tem aqui importância fundamental na construção do conhecimento – bem diferente do “corpo envergonhado de si”, típico do racionalista-moralista cristão.

Charles Sanders Peirce, cerca de um século depois, retomaria alguns dos conceitos de Hume – principalmente os de **semelhança** e de **contigüidade** ou **causalidade** –, para construir sua Teoria dos Signos⁵. Em Peirce, os Ícones funcionam por **semelhança**: a fotografia **assemelha-se** ao seu objeto-referente. Os Índices funcionam por **contigüidade** ou **causalidade**: a fumaça (visível) **indica** o fogo (invisível).

Peirce fará a sua classificação dos Signos, pela “relação do Signo com seu objeto-referente”:

- a) **Ícone**: “é um representamen que, em virtude de qualidades próprias, se qualifica como Signo em relação a um Objeto, representando-o por traços de **semelhança** ou analogia.” (PIGNATARI, 1979, p. 28-29);
- b) **Índice**: “Signo que se refere ao Objeto designado em virtude de ser realmente afetado por ele [...] é o fato de sua ligação direta com o Objeto que o caracteriza como Índice” (PIGNATARI, 1979, p. 29); está-se falando aqui de **contigüidade e/ou causalidade**;
- c) **Símbolo**: “Signo que se refere ao Objeto em virtude de uma convenção, lei ou associação geral de idéias [...] A palavra é o Símbolo por excelência.” (PIGNATARI, 1979, p. 29-30).

Entretanto, o conceito-chave peirceano que mais nos servirá aqui será o de **Interpretante**. Enquanto Ferdinand de Saussure criava sua concepção de “signo lingüístico dual” – **Significante** e **Significado** –, dando origem a uma Semiologia de base estruturalista, Charles S. Peirce foi o criador da Semiótica – introduzindo, entre o **Significante** e o **Significado**, o **Interpretante** –, ou seja, nascia a noção de “signo extra-lingüístico triádico”.

Em Peirce, o **Interpretante** se torna o elemento mais importante do processo semiótico (a “semiose”), porque é ele que produz na mente interpretadora a abertura necessária à construção do conhecimento. Por isso, desde já fica claro que não se deve confundir **Interpretante** (“aquilo que o signo está apto a produzir”)

■
⁵ A teoria dos Signos (Semiótica) do filósofo e lógico norte-americano Charles S. Peirce difere-se fundamentalmente da do lingüista suíço Ferdinand de Saussure, fundador da Lingüística Moderna, a qual serviria de modelo para a Semiologia de base estruturalista que dominaria as concepções de mundo nas décadas de 1960 e 1970 do século XX.

com “intérprete” (um Sujeito qualquer do conhecimento). Essa perspectiva aberta por Peirce nos leva a um campo de pesquisa de “infinitas possibilidades”⁶.

É preciso estudar este conceito de **Interpretante** para compreendermos com precisão o que há de político nos processos de semiose contemporâneos. Desejamos enfatizar o “trabalho afetivo” das mídias sobre as nossas capacidades de Percepção e de Afecção. Há muito dinheiro envolvido nas atividades cotidianas das empresas de comunicação, impossibilitando qualquer “abertura” real de sentidos infinitos. Ao contrário, os sentidos midiáticos sofrem um acentuado “fechamento”, restringindo seu leque de “interpretantes possíveis” e orientando as múltiplas leituras em direção ao **senso comum** e ao **bom senso** (as duas metades da **doxa**). É por isso que a atual anomia ético-estética confunde Comunicação (“fechamento”) com Arte (“abertura”).

Nesse processo pós-moderno de “semiose ilimitada”, como o nosso “inconsciente político” vem sendo talhado culturalmente? O que é que os signos que hoje circulam aceleradamente nas mídias estão aptos a produzir em nossa subjetividade, e que, por conseguinte, será definitivo para a construção de nossa subjetividade?

3 Sentido-Acontecimento e produção de si

Os sujeitos **se produzem**, enquanto produzem, trocam, se comunicam. A linguagem será então o instrumento comum a todos os mediadores do **imaterial**. A linguagem organiza os saberes, a comunicação e a cooperação sobre as bases do entendimento e dos “sensos”. Se os “recursos” do novo sujeito são os saberes comuns, há que se ter cuidado com a replicação do senso comum e do bom senso (as duas metades da **doxa**). Toda socialização traz um caráter, embutido, de internalização das normas sociais. É o preço que o indivíduo deve pagar, para evitar uma existência marginalizada, caso queira incluir-se. E essas normas sociais carregam seus discursos inclusivos, que se produzem, difundem, circulam e se recebem por processos de semiose ilimitada⁷.

Antonio Negri explica a íntima vinculação entre afetos e signos, na constituição do real:

Nessa perspectiva teórica, o afeto é retomado “a partir de baixo”. Ademais, apresenta-se em primeiro lugar como produção de valor. Por essa produção, ele [o afeto] se dá, em segundo lugar, como produto das lutas, como signo, como sedimento ontológico destas. O afeto nos oferece, portanto, uma dinâmica de construção histórica – em toda a riqueza de sua complexidade. (NEGRI, 2001, p. 65).

O afeto pode ser entendido **imaterialmente** como “potência de agir”, ou “potência de transformação” (devir revolucionário), mas não se remete mais simplesmente a um valor-de-uso. Esse

■
⁶ Em nossa tese de doutoramento buscamos empreender um estudo introdutório que correlacionasse os conceitos de “Interpretante imediato” (aquilo que o signo está apto a produzir: Peirce) e de “Diferença” (Deleuze). A base desta dupla conceituação vem do Empirismo de Hume.

■
⁷ A semiose ilimitada é criticada por Umberto Eco, como se fosse a fragilidade da teoria semiótica de Peirce. Entretanto, acreditamos ser justamente essa a sua força.

■
8 Em Spinoza, liberdade é a aptidão para o múltiplo simultâneo.

processo não é “formal”, e sim “material-imaterial”, pois que se dá na concretude das relações de poder imanentes. O afeto é uma potência expansiva (diria Nietzsche), uma potência libertária (diria Spinoza), de “abertura ontológica” (diz Negri)⁸. E é justamente por ser assim que o afeto será constantemente “capturado e incorporado” pelo Semiocapitalismo. Enquanto potência constituinte, o afeto será sempre um manancial tanto para as novas resistências como para a nova dominação.

Diz Antonio Negri: “Convenções de mercado e trocas comunicacionais formariam, portanto, a base dos vínculos produtivos (e, portanto, dos fluxos afetivos) – não passíveis de medida, com certeza, porém suscetíveis de controle biopolítico”. O afeto é controlado não como “objeto mensurável”, mas como afeto mesmo, imensurável (NEGRI, 2001, p. 68).

O humano não foi “ultrapassado”, como querem alguns; está mais presente do que nunca – embora “capturado e incorporado”, enredado pela lógica do Semiocapitalismo. Nessa atividade de **produção de si**, há uma mobilização de todas as capacidades e disposições (potências), principalmente das potências afetivas do sujeito. Isso significa algo bastante espantoso: o homem é hoje, ao mesmo tempo, matéria-prima e produto-final do Semiocapitalismo⁹.

De qualquer modo, o que se percebe aí é a “tomada de poder”, por parte do Semiocapitalismo (imaterial e cognitivo), sobre os espaços públicos, sobre a cultura e o imaginário social. Infectando estas instâncias com seus valores, passa o Semiocapitalismo a “modular” os afetos através da constituição de signos de seu poder. Modulando a vida e o pensamento (o pensamento dando lugar ao “*slogan*”), ele tenta determinar nosso futuro, nossos devires. Aquilo que podemos nos tornar – pelas nossas potências revolucionárias – sofre por aí uma “domesticação”, e já não ameaça o Controle exercido pelo Mercado-Total.

Nesta nossa “guerrilha semiótica” diária, é preciso, é urgente que nos tornemos capazes de dominar a(s) linguagem(ns), não só para que tenhamos potência suficiente para compreendermos e interpretarmos este mundo, mas também para que tenhamos igualmente potência de pensar e expressar nosso modo de resistência. Como diz Enzo Rullani, pela boca de André Gorz: “No pós-fordismo, o conhecimento produz valor também porque gera sentido” (RULLANI *apud* GORZ, 2003, p.75, tradução nossa).

Esse tipo de transformação incorporal pode ser notado tanto no nível molar (macropolítico ou coletivo) quanto no nível molecular (micropolítico ou individual). Quando um indivíduo é afetado por um anúncio que traz uma marca, ou por uma notícia que traz uma novidade, há algo nele que muda, que se transforma (ou “Acontece”), e de que ele nem mesmo precisa ter consciência – no

■
9 Como explicita Negri: “A relação produção-constituição é então a chave da articulação do ser [...]”. É isso o que ele chama de “produção como ontologia constitutiva”, que, por sua vez, se faz política – da natureza (**natura naturante**) para a “segunda natureza” (**natura naturada**). O sujeito é pensado aqui como o “lugar ontológico da determinação”. A Teoria Política de Spinoza é a da constituição onto-política da subjetividade, mas esta é sempre movida pela resistência ao poder – questão de “intensidades do Ser”. (NEGRI, 1993, p. 283).

caso das “pequenas afecções” e dos “pequenos Acontecimentos”. Ele mesmo passa a “se constituir” diferentemente. E isso carrega todo um novo Sentido: ele se chama **cidadão**, no instante “1”, e passa a ser chamado de **consumidor**, no instante “2”. Este é exatamente o caso da abertura política dos países ex-comunistas ao capitalismo. Através de uma intensa e delicada semiótica, este sujeito recebe um novo atributo, o qual passa então a defini-lo por fora (e a afetá-lo por dentro).

É preciso entender que os atributos são efeitos incorporais, transformações **imateriais** sofridas pelos corpos, em suas relações sociais, e que podemos chamar de Acontecimentos (ou “efeitos incorporais”, que carregam sentidos). Se os sujeitos existem física, material e corporalmente, seus atributos existem lógica, imaterial e incorporealmente. E neste sentido, os sujeitos entram em uma relação com o mundo que é da “ordem do discurso” – pressupondo suas relações de poder e de verdade. Matéria falada; imaterial falante.

Os Acontecimentos remetem-se ao “que é dito dos seres”. O que o atributo faz é indicar aquilo que se afirma de um Ser ou de uma propriedade. Ser afirmado é ser significado – e toda significação remete-se a um “exprimível incorporeal”. Os estóicos mesmos garantem: um signo (um **imaterial**) é um “exprimível incorporeal”.

Os estóicos querem distinguir por aí os diversos **modos** ou **intensidades** pelos quais um Acontecimento pode expressar-se. O Acontecimento intervém como um crivo, um marcador: contraímos intensamente (intensivamente) os signos das “extensões”, os “preendemos” por nossa potência de sermos afetados e, assim, nos individualizamos diferentemente a cada instante. Nesse sentido, somos obrigados a afirmar que algo está sempre “Acontecendo” – uma questão de **individuação semioestética**, como vimos acima. Eis o tema do devir, no pensamento contemporâneo.

Gilles Deleuze diz que o Acontecimento é coextensivo ao devir (já que ele libera um sentido diferente e diferenciante para aquilo que poderá ser) e que o devir, por seu lado, é coextensivo à linguagem (o próprio da linguagem é, ao mesmo tempo, estabelecer limites e ultrapassar os limites estabelecidos). Os estóicos descobriram a dimensão do “sentido” quando pensaram o Acontecimento: “O sentido é o expresso da proposição, este incorporeal na superfície das coisas, entidade complexa irreduzível, Acontecimento puro que insiste ou subsiste na proposição” (DELEUZE, 1997, p. 20).

Se o Acontecimento comporta um instante no qual ele se efetua ou encarna nos corpos (no tempo presente), ele não deve, contudo, ser confundido com os “eventos”. Ou ainda: “O brilho, o esplendor do Acontecimento é o sentido. O Acontecimento

não é o que acontece (acidente), ele é no que acontece o puro expresso que nos dá sinal e nos espera.” (DELEUZE, 1997, p. 152). O sentido residirá nas crenças (ou desejos) daquele que se exprime, mas tendo como referencial o mundo em torno.

4 O Imaterial e a produção semiótica de subjetividades

Sabe-se hoje que o próprio real é produtor de subjetividade. O indivíduo, imerso em sua cultura, vai se constituindo na relação que mantém com o mundo. Durante a sua vida, o indivíduo apreende e aprende os referenciais culturais de sua época e lugar. Esse processo se faz tão cotidiano e comum, que chega a ser “invisível”. A esse processo a Antropologia dá o nome de “endoculturação”. E, dentro das Teorias da Comunicação, a Escola de Palo Alto oferece o conceito de “comunicação orquestral”, total e inevitável: é impossível não comunicar. Vejamos rapidamente estas duas vertentes, após uma breve ressalva.

O que queremos ressaltar, neste ponto, é que precisamos evitar, de um lado, qualquer forma de “determinismo midiático”. A própria cultura e o próprio real já são “máquinas de subjetivação”. Então, como defender a exclusiva responsabilidade das mídias? Por outro lado, como isentá-las de sua participação na constituição semioestética das culturas contemporâneas e de seus sujeitos?

A Sociologia do Conhecimento postula que o conhecimento é um constructo social. O real não está dado desde sempre – ele é em parte dado (objetivo), em parte uma construção simbólica das culturas e dos indivíduos (subjetivo). A cultura só é transmitida entre as gerações por seu potencial semiótico.

O conceito antropológico de “endoculturação” – quando alguém apre(e)nde “naturalmente” (cotidianamente) os signos da sua própria cultura – permite que relativizemos o que o senso comum toma por absoluto, *a priori* ou dado. Eis a necessidade de o pensamento contemporâneo “desnaturalizar” o cultural, antropológicamente. Essa desnaturalização do arbitrário foi exatamente o que de melhor a Semiologia de Roland Barthes produziu. Entretanto, a questão aqui é: nesse processo semioestético de contração do mundo, o sujeito vai se constituindo, inconscientemente.

A Escola de Palo Alto – Gregory Bateson, Paul Watzlawick, Don Jackson, Edward T. Hall, Erving Goffman – nos ensina que é impossível não comunicar. Mesmo o silêncio, dizem, comunica algo. A cultura se nos comunica sem cessar. Para estes pensadores, a cultura é um conjunto dinâmico de signos, o qual não podemos evitar. É por isso que a Escola de Palo Alto chegou ao conceito de “comunicação orquestral”: todo indivíduo está em uma rede comunicacional, como emissor e receptor ao mesmo tempo.

Isso significa que as mídias não são detentoras exclusivas dos processos de subjetivação. Jesús Martín-Barbero já demonstrou isso em seu livro *Dos meios às mediações*. Entretanto, como já apontamos acima, não nos parece razoável inverter a fórmula tradicional, como faz Martín-Barbero. Isentar as mídias de sua responsabilidade no processo contemporâneo de produção de subjetividades é colocar o modelo da Teoria Crítica (Escola de Frankfurt) de cabeça para baixo. Tentativa tão parcial e infantil quanto aquela que se critica.

Há uma constatação cotidiana irredutível: as mídias potencializam determinados “modos de subjetivação” e despotencializam outros. Se a produção de subjetividades hoje não é exclusividade das mídias, também não se pode ignorar seu poder de construção social da realidade. Se elas não inventam “modos de ser”, cristalizam alguns, em detrimento de outros – e, portanto, os “reinventam”, os reforçam socialmente. Daí o seu caráter moralista e preconceituoso.

No entanto, talvez o que haja de mais preocupante na ação cotidiana das mídias não resida exatamente nos conteúdos que veiculam. É bem possível que seu maior efeito, na produção imaterial de subjetividades, seja na veiculação de suas formas: nós não sabemos mais viver sem as mídias. Quase que “necessitamos”, a cada instante da nossa existência, da companhia tagarela de alguma(s) mídia. É no seu zumbido incessante que estamos viciados – os conteúdos são variáveis, cada vez mais individualizados (tornaram-se hoje um “falso problema”)¹⁰. É por isso que afirmo: as mídias se espalharam por todas as instâncias da nossa vida, até se confundirem com a própria vida. Algum totalitarismo nisso?

5 Conclusão

Após buscarmos um diagnóstico do problema aqui tratado e de instituir sua relevância acadêmica, estabelecemos o conceito operatório de “individuação semioestética”, não como forma de se “resolver” a questão da produção imaterial de subjetividades (buscando saídas), mas como forma de “recolocar” essa questão (buscando novas entradas). Hoje em dia, responder é mais fácil do que saber perguntar. Responde-se sem parar, antes mesmo de se ser perguntado. Por isso é que preferimos fazer uma boa pergunta, uma boa questão.

Vivemos a “Idade Mídia”. Novas formas de sujeição; novas formas de obscurantismo; novas teologias (de Mercado). Entretanto, velhos desejos de sujeição (vontade de poder); velha busca por crenças e verdades salvadoras; velha necessidade de um deus (o Mercado mediatizado, ou a Mídia mercantilizada, como se queira). Agora rezamos para deuses imanentes, semioesteticamente sedutores.

¹⁰ Para um posterior aprofundamento nessa abordagem, remetemos ao livro de Todd Gitlin (GITLIN, 2003), o qual retoma, na verdade, questionamentos caros a Marshall McLuhan.

A partir dessa idéia é que poderemos insistir no tema da “produção contemporânea de sentido”, pela via das mídias, para problematizá-la com respeito à produção de subjetividades. Falamos aqui de “doação de sentido” (atribuição de valor), o que não impede exatamente as singularidades (impessoais e pré-individuais; pequenos eventos que constituem um sujeito, um lugar, uma idéia). A semiose subjetivante caminha, sem cessar, por “micro-eventos” (moleculares) quase imperceptíveis, mas que não são por isso menos importantes, pois que fazem parte de nossa constituição subjetiva.

Assim, os indivíduos não são constituídos somente por “grandes eventos” (representações, idéias, consciência, razão, explicação), mas também – e talvez principalmente – por “micro-eventos” (percepções, sensações, inconsciente, afetos, imaginação). Através de “micro-eventos”, é todo o Sentido-Acontecimento que se atribui ao sujeito que muda. O que se passou? – perguntamo-nos. Não temos o controle sobre isso, mas podemos afirmar: “algo Aconteceu”.

Diante de uma constatação dessas, como estimar a influência do **poder constituído** das mídias e do Capitalismo imaterial-semiótico sobre a **potência constituinte** dos sujeitos? Seria preciso que olhássemos para os últimos Acontecimentos (e suas transformações de sentido). Nossa potência e nossa impotência de existir são moduladas pelas “transformações incorporais” que sofremos ou de que tomamos conhecimento a cada instante. O que nós somos? O que estamos em vias de nos tornar? Estas são algumas das perguntas com que o semiótico de hoje precisará lidar.

Media and semioesthetic individuation

ABSTRACT

This article aims to map, for a review of the literature, the philosophical and semiotic production of modern subjectivities, through the media. This clearly articulated and incorporated the philosophy of empiricism (Hume) and semiotic theory (Peirce), from an ontological interpretation (Deleuze) of contemporary subjectivity. If the culture in general already produces subjectivities, the media in particular specify and intensify some of these forms of subjectivity. Media processes of semiosis presupposes a “mood” constitution of the subjects - more so than by the content - and this brings so much ontological as political developments. We conclude that what we call “semiocapitalism” (or “semiotic capital”) became the fundamental stance of the current “modes of subjectivity” - which means new semioesthetic individuation relationships as well as new power and powerlessness existence.

KEYWORDS: Media. Semioesthetic individuation. Subjectivities.

Medios de comunicación y individuación semioestética

RESUMEN

Este artículo pretende asignar, para una revisión de la literatura, la producción filosófica y semiótica de las subjetividades modernas, a través de los medios de comunicación. Esto claramente articuladas y se incorporan la filosofía del empirismo (Hume) y la teoría semiótica (Peirce), de una interpretación ontológica (Deleuze) de la subjetividad contemporánea. Si la cultura en general ya produce subjetividades, los medios de comunicación en particular, especificar e intensificar algunas de estas formas de la subjetividad. Media procesos de la semiosis presupone un estado de ánimo "constitución de los sujetos" - más que por el contenido - y esto trae tanto ontológica como la evolución política. Llegamos a la conclusión que lo que llamamos "semio-capital" (o "capital semiótico") se convirtió la postura fundamental de la actual "modos de subjetividad" - lo que significa nuevas relaciones semioestéticas de individuación, así como un nuevo poder y la impotencia de existirmos.

PALABRAS CLAVE: Medios de comunicación. Individuación semioestética. Subjetividades.

Referências

- BRÉHIER, Émile. **La Théorie des incorporelles dans l'ancienne stoïcisme**. Paris: Librairie Philosophique J. Vrin, 1989.
- BRIGGS, Asa; BURKE, Peter. **Uma História social da mídia: de Gutenberg à Internet**. Rio de Janeiro: Zahar, 2004.
- DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. **Mil platôs: capitalismo e esquizofrenia**. Rio de Janeiro: Ed. 34, 1997.
- FOUCAULT, Michel. **Microfísica do poder**. Rio de Janeiro: Graal, 1993.
- GITLIN, Todd. **Mídias sem limite: como a torrente de imagens e sons domina nossas vidas**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.
- GORZ, André. **L'Immatériel: connaissance, valeur et capital**. Paris: Galilée, 2003.
- HUME, David. **Investigação acerca do entendimento humano**. São Paulo: Nova Cultural, 1996. (Os Pensadores).
- MARTÍN-BARBERO, Jesús. **Dos meios às mediações: comunicação, cultura e hegemonia**. 2.ed. Rio de Janeiro: UFRJ, 2001.
- NEGRI, Antonio. Infinitude da comunicação / Finitude do desejo. In: PARENTE, A. (Org.). **Imagem-Máquina: a era das tecnologias do virtual**. Rio de Janeiro: Ed. 34, 1993.
- _____. Valor e afeto. In: _____. **Exílio**. São Paulo: Iluminuras, 2001.
- PEIRCE, Charles Sanders. **Semiótica**. 3.ed. São Paulo: Perspectiva, 2000.
- PEREZ, Clotilde. **Signos da marca: expressividade e sensorialidade**. São Paulo: Pioneira Thomson Learning, 2004.
- PIGNATARI, Décio. **Semiótica & literatura: icônico e verbal, Oriente e Ocidente**. 2.ed. São Paulo: Cortez & Moraes, 1979.
- SPINOZA, Baruch. **Ética**. São Paulo: Nova Cultural, 1997. (Os Pensadores)

Guilherme Nery Atem

*Doutor em Comunicação e Cultura pela
Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ).
Professor Adjunto do Departamento de
Comunicação Social e do Programa de Pós-
Graduação da Universidade Federal Fluminense
(GCO-PPGCOM / UFF).
E-mail: gui.nery@globo.com*

Recebido em: 10/06/2010

Aceito em: 08/11/2010